

DA RESISTÊNCIA CULTURAL À RESISTÊNCIA EPISTÊMICA



A presente reflexão é parte de um estudo maior realizado pelo Centro de Pesquisa e Estudo Timor-Leste-Brasil. Um dos intuítos dos pesquisadores é examinar a intensificação de uma nova resistência dos Timores, incompreensível para a maior parte desse povo pelo fato de ser sutil, ainda que poderosa, velada, pois é parcialmente percebida, pouco elaborada e ainda não verbalizada, abstrata pois, a dominação a que se tenta resistir se dilui nas estruturas sociais “modernas” tais como a ciência, a política, a espiritualidade etc, e neurológica pelo fato do ambiente colonial secular ter causado uma falha cognitiva na compreensão dos fenômenos de dominação tanto pelos seus autores imperiais como pelos oprimidos.

Esses fenômenos coloniais e uni-versalização do futuro são reproduzidos inconscientemente por parte dos sujeitos colonizados, que vão, por exemplo, comemorar em 2015, os 500 anos de Interação de Duas Civilizações -Timorense e Portuguesa, dividindo opiniões e acirrando discussões sobre os festejos. Outro exemplo emblemático é que no subdistrito de Los Palos não se permitiu o uso de nomes locais no registro de nascimento. E parece que muitos outros locais também seguem essa regra.

Porém, essa nova resistência inicia-se e articula-se, ainda de forma nebulosa, em guetos da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL) e espaços abertos aos movimentos estudantis e da sociedade.

De objeto ex situ de teses ao protagonismo Lulik.

Superada a resistência cultural sob a colonização portuguesa (1515 a 1975), da invasão Indonésia, apoiada pelos EUA, Austrália etc (1975 a 1999), e governo transitório Malae das ONU (1999 a 2002), os Timores ligados a academia e movimentos estudantis iniciam resistência epistêmica a dita uni-versalidade do saber, até aqui centrado em estruturas coloniais seculares em que a participação dos intelectuais indígenas-mestiços tem ficado renegada à invisibilidade.

Podemos citar livros escritos pelo sul americano Wama Poma, datados do século XVI, que teve suas obras resgatados no final do século XX, passando

pelo filósofo argentino, Rodolfo Kusch e suas obras do início do século XX, até a Pedagogia Maubere do professor Antero Benedito, que resgata em sua tese a educação do período da resistência. Mesmo sendo nativo e professor da UNTL, sua obra não entra como referência bibliográfica na Faculdade de Educação da instituição em que trabalha.

Desta forma, a sociedade dos Timores em seus diversos aspectos é visitada por pesquisadores das mais variadas áreas e regiões do planeta que, na maior parte das vezes, publicam relevantes histórias. E essas pesquisas permitem laurear esses pesquisadores internacionais com prêmios e prestígio junto aos seus pares.

Pode-se afirmar que o Timor é um grande laboratório ex situ para toda sorte de investigadores, pois lhes possibilita mergulharem em seu universo e saírem de lá carregando “souvenir” que irá impressionar todos, tal como uma aventura por lugares exóticos não muito ocidentalizados, em que quanto mais se difere de uma matriz eurocêntrica, mais interessante se torna aos olhos dos ocidentais.

E venham depressa, pois a ocidentalização, com toda sua oferta de sedução aliada às promessas que a sociedade de consumo propaga, chega numa velocidade alucinante, acolhida pelas agências internacionais instaladas no território tais como ONU, Banco Mundial, cooperações, ONGs etc. Dessa forma, a veloz transformação do país cria a necessidade de pequenos recortes temporais para a pergunta – “que Timor conheceu?” - “Timor Português”, “Timor-Timur”, “Timor da ONU”, ou “Timor-Leste”? E mesmo após 2002, Timor-Leste tem tido mudanças significativas em períodos curtos.

Porém, começa agora a questionar-se essa festa da pesquisa, na qual os timores pouco participam como investigadores. A resistência a esse modelo centralizante surge a par da reivindicação de outros papéis para além do tradicional papel de objeto de estudo. Os timores querem, portanto, ser atores inter pares nesse processo dito “científico”.

Em Agosto de 2014, na Primeira Conferência Internacional da UNTL, um pensamento foi recorrentemente verbalizado, principalmente pelo Professor Vicente Paulino. O professor proclamava “Pesquisadores internacionais, façam pesquisa junto

com os pesquisadores timorenses: nós também queremos escrever sobre nós”.

O antropólogo brasileiro Viveiro de Castro acostumado a trabalhar durante décadas com povos tradicionais, afirma - os pesquisadores que embarcam nessa expedição de conhecimento e estudo de outras sociedades podem no máximo reivindicar uma co-autoria de suas produções intelectuais. E, conforme defende, uma “viagem inter mundos”, em que a interculturalidade deve ser a principal razão da compreensão e da troca de experiências.

Essa co-autoria deve-se ao fato dessas sociedades doarem toda sua cosmovisão de bandeja, pronta a ser usada em nome da boa ciência. A mesma boa ciência que diz ser direcionada para a busca de benefício social, entretanto, essa mesma ciência é desafiada pelo interesse das patentes e financiada pelas grandes empresas, cujo fim é, por natureza, a prossecução do lucro. Os interesses das empresas, defendidos por seus governos na ordem internacional, são os das mesmas empresas que utilizam o conhecimento tradicional sobre a biodiversidade para produção de medicamentos. Segundo o Jardim Botânico de Londres (2010), 80% dos medicamentos produzidos hoje advêm da biodiversidade e são associados aos conhecimentos tradicionais. E esses povos nada ou muito pouco recebem por essa contribuição.

Diante de um pensamento “uni-versal” da economia, da política e do que é entendido por “civilização”, de bases eurocêntricas, porém com fetiche pelo exótico, mas, paradoxalmente, hierarquizando o conhecimento e os sujeitos no sentido de que quanto mais similar à um europeu (branco, macho, hetero), maior graduação terá na régua do desenvolvimento.

E com incômodo de ser parte-objeto-primitivo desse processo binário em curso, que transforma os sistemas pluri-versais em hierarquias lineares, baseados na dicotomia de polos: civilizado-selvagem, ciência-misticismo, tradição escrita-oral, é que alguns intelectuais timorenses começam a questionar o protagonismo Malae nas ciências-conhecimento em terras de Timor.

Com a intenção de resistir a uma lógica central, em que os Timores são coadjuvantes em seus próprios processos, constitui-se por meio de ideias coletivas entre pesquisadores, timorenses e brasileiros, no âmbito da Cooperação Timor-Brasil, o CENTRO DE PESQUISA E ESTUDOS TIMOR-LESTE-BRASIL.

Fundado no início de agosto de 2015, com encontros semanais, porém com trabalhos diários, tem como expectativa a promoção de encontros para pesquisa e estudo. O presente texto é parte de uma pesquisa maior, conforme relatado, em que inclui-se pesquisas feitas em conjunto e pesquisa em fase de elaboração. Assim, à medida que as diferentes visões são compartilhadas, vão-se desconstruindo centralidades epistêmicas e o próprio sentido de episteme - de bases exclusivas eurocêntricas - e problematizando questões candentes em Timor-Leste, que abrange as várias angústias humanas contemporâneas.

Cipriano Sarmiento – Timorense, Tetum Terik, investigador e estudante de Direito.
Roserio Maavero Savio – Timorense, Fataluku, investigador e licenciado em Historia.
Zenilton Zeneves – Timorense, Fataluku, investigador e estudante de Direito.
Atilio Viviani – Brasileiro, indígena, investigador e licenciado em Sociologia.